

## **A assimetria entre verbos de concordância e verbos simples em Língua Brasileira de Sinais**

*The asymmetry between  
agreement verbs and plain  
verbs in Brazilian Sign  
Language*

Guilherme LOURENÇO (UFMG)  
[guilhermelourenco@ufmg.br](mailto:guilhermelourenco@ufmg.br)

LOURENÇO, Guilherme. A assimetria entre verbos de concordância e verbos simples em Língua Brasileira de Sinais. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 15-35, ago./dez. 2017.

**Resumo:** O presente trabalho objetiva discutir a assimetria entre verbos simples (que não apresentam concordância morfológica) e verbos de concordância em Língua Brasileira de Sinais (Libras). O fato de um verbo apresentar concordância ou não pode possibilitar, ou restringir, diferentes possibilidades de ordenamento dos sinais na sentença. Sentenças com verbos simples apresentam mais restrições no ordenamento de seus constituintes, enquanto verbos com concordância permitem de maneira mais livre ordens como SOV e OSV. Além disso, são identificadas diferenças em construção com topicalização de objeto e também na posição da partícula de negação **NÃO** na oração. Assim, neste trabalho, apresento e discuto essas assimetrias, fornecendo uma explicação sintática para essas construções, a partir da perspectiva da Gramática Gerativa e partindo da proposta de derivação sintática da concordância em Libras, de Lourenço (2014).

**Palavras-chave:** Língua Brasileira de Sinais. Ordem de palavras. Concordância verbal.

**Abstract:** This paper aims at discussing the asymmetry between plain verbs (with no morphological agreement) and agreement verbs in Brazilian Sign Language (Libras). The presence or absence of morphological agreement interacts with different possibilities, and restrictions, to order the signs in the clause. Plain verb constructions have a more restricted word order; on the other hand, agreement verbs allow different orders like SOV and OVS more freely. Additionally, there are also differences on constructions with object topicalization; and on the position of the negative particle *NO* in the sentence. Therefore, in this paper I present and discuss these asymmetries, providing a syntactic explanation for these constructions, based on a Generative framework and on the syntactic derivation of agreement in Libras proposed by Lourenço (2014).

**Keywords:** Brazilian Sign Language. Word order. Verb agreement.

## Introdução

Desde os estudos seminais sobre a estrutura sintática da Língua Brasileira de Sinais (Libras), realizados nas décadas de 1980 e 1990, constatou-se que, apesar da existência de uma ordem básica (SVO), a língua apresenta diferentes possibilidades de ordenação dos sinais/palavras<sup>1</sup> (FELIPE, 1993; FERREIRA-BRITO, 1995; QUADROS, 1999; LOURENÇO & QUADROS, *no prelo*). Assim, outras ordens foram identificadas na língua, a saber: SOV, OSV e VOS.

Quadros (1999), porém, argumenta que essas diferentes ordens de palavras não são livres em Libras e que restrições se aplicam dependendo da natureza do verbo principal da sentença. Assim, o fato de o verbo apresentar concordância ou não pode possibilitar, ou restringir, diferentes ordenamentos. Adicionalmente, outras assimetrias são encontradas entre verbos com concordância e verbos sem concordância em construções de topicalização do objeto e também em sentenças negativas.

O presente artigo visa, então, apresentar e discutir essas assimetrias, fornecendo uma explicação sintática para essas construções, a partir da perspectiva da Gramática Gerativa. A discussão está organizada em quatro seções. Na Seção 1, uma breve descrição dos verbos com concordância e dos verbos simples será apresentada. Em seguida, na Seção 2, serão discutidos alguns dados que mostram as assimetrias entre esses dois grupos de verbos. Já a Seção 3 destina-se à apresentação de uma nova explicação para essas assimetrias, tendo como base alguns trabalhos anteriores (LOURENÇO, 2014; LOURENÇO; DUARTE, 2014). A Seção 4 conclui o artigo com algumas considerações finais.

<sup>1</sup> Zeshan (2002) apresenta uma excelente discussão sobre a equivalência das noções de 'palavra' nas línguas orais e de 'sinais' nas línguas sinalizadas. Aqui, ao se fazer referência às línguas sinalizadas, os dois termos serão tomados como sinônimos.

## Verbos simples e verbos com concordância em Libras

Uma máxima frequentemente associada às línguas de sinais é a de que essas línguas são sistemas espaço-gestuais (ou espaço-visuais). Essa afirmativa capta o fato de que essas línguas se estruturam quadridimensionalmente: além do fluxo temporal de produção dos sinais (ou seja, a ordem em que os sinais são produzidos), têm-se os eixos X, Y e Z do espaço de sinalização. Isso quer dizer que, para podermos produzir ou compreender um enunciado sinalizado, precisamos levar em consideração não apenas o sinal que está sendo produzido, mas também em que local do espaço esse sinal está sendo produzido. O espaço é, assim, explorado nas línguas sinalizadas para expressar diferentes relações gramaticais. Dentre os diferentes usos do espaço, destaco aqui o estabelecimento de referentes.

Nas línguas de sinais, cada nominal pode ser associado a uma localização específica no espaço de sinalização de diferentes maneiras. A primeira delas é a apontação (*pointing*), em que o sinalizador aponta para um local específico no espaço antes ou depois de produzir o nominal. Há ainda a possibilidade de essa associação se dar por meio da direção do olhar ou ainda ao se realizar o sinal naquele ponto específico. Observe na imagem a seguir que a sinalizadora aponta para um ponto à sua direita<sup>2</sup> e, em seguida, produz o sinal MULHER<sup>3</sup>. Dessa maneira, ela associa esse ponto no espaço a esse nominal, de modo que qualquer referência a esse *locus* tem-se uma correferenciação/indexação ao nominal MULHER.

<sup>2</sup> Glosarei qualquer apontamento como IX, fazendo referência ao termo *indexical* amplamente utilizado na literatura, seguido de um índice subscrito arbitrário para distinguir diferentes pontos no espaço.

<sup>3</sup> Os sinais da Libras serão aqui glosados em Língua Portuguesa e escritos em versalete. Ilustrações serão fornecidas quando necessário.

**Figura 1** - IX<sub>a</sub> MULHER<sup>4</sup>.

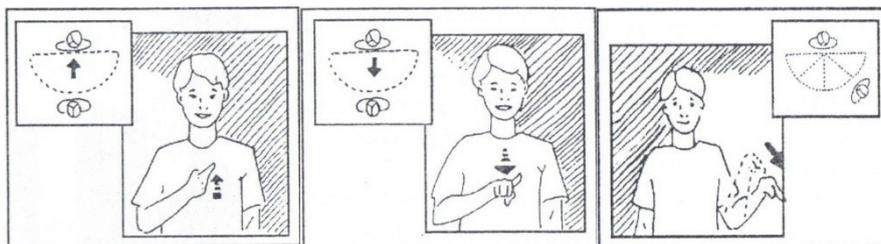
É preciso, entretanto, esclarecer que o estabelecimento desses referentes não se dá de maneira aleatória. As línguas de sinais apresentam uma sistematização em que é considerado: (i) a pessoa do discurso e (ii) se o referente se encontra presente ou não no momento da enunciação.

A primeira distinção refere-se à pessoa do discurso. A literatura acerca do assunto assume que a maioria das línguas de sinais faz uma distinção entre 1ª pessoa e não-1ª pessoa. Assim, ao se fazer referência à 1ª pessoa, aponta-se diretamente para o peito do sinalizador. Já as outras pessoas do discurso são associadas a pontos distintos do espaço. Ao definir o ponto em que será estabelecido o referente, as línguas de sinais ainda fazem a distinção se esse referente encontra-se presente no momento da enunciação ou não. Caso o referente esteja presente, aponta-se diretamente para o local que o referente ocupa no espaço, ou seja, para a sua posição real. Uma vez que a 2ª pessoa sempre se encontra presente fisicamente no momento da enunciação (modalidade oral), esta é sempre referida no espaço imediatamente à frente do falante. O fato de haver essa regularidade na forma em que se faz referência à 2ª pessoa levou alguns autores a discutirem se as línguas de sinais fazem ou não, na verdade, distinção entre 1ª pessoa, 2ª pessoa e 3ª pessoa. Entretanto, essa posição teórica ainda é bastante debatida na literatura

<sup>4</sup> Sinais extraídos do vídeo “História da minha vida”, sinalizado pela Profa. Roberta Aparecida Rodrigues Pessoa e filmado pelo autor deste artigo.

(para maiores detalhes, ver BERENZ, 2002). Finalmente, a 3ª pessoa é marcada ao se fazer referência à localização real do referente (caso ele esteja presente no momento da enunciação) ou ainda ao se atribuir um ponto abstrato específico no espaço de sinalização (no caso de um referente ausente). A Figura 1, a seguir, ilustra a marcação pronominal de 1ª, 2ª e 3ª pessoa em Libras.

**Figura 2** – Forma pronominais de 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular com referente ausente, respectivamente.



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 131).

Meir (2002, p. 419) afirma que

devido à modalidade visual, cada nominal do discurso pode receber uma localização distinta e, portanto, cada localização contém informações suficientes para identificar unicamente seu referente (MEIR, 2002, p. 419).

Assim, de forma a distinguir as localizações associadas a cada nominal, usarei um índice subscrito após cada sintagma nominal, conforme o exemplo abaixo, em que o nominal *MARIA* é realizado em um ponto *a* no espaço, e *JOÃO* é realizado em um ponto *b*:

(1) *MARIA<sub>a</sub>*; *JOÃO<sub>b</sub>*; etc.

A concordância nas línguas de sinais acontece quando a localização e/ou a direção do verbo é determinada pela localização espacial dos argumentos. Em outras palavras, o local em que o verbo é sinalizado é alterado para que este coincida com a localização dos argumentos que concordam com o verbo.

Por exemplo, tem-se o sinal de *AJUDAR* que é um verbo que apresenta concordância com o sujeito e o objeto da sentença. Assim, se temos *JOÃO* e *MARIA* como argumentos do verbo *AJUDAR* e *JOÃO* é associado a um ponto no espaço e *MARIA* a um outro ponto, o verbo *AJUDAR* irá realizar uma trajetória de tal forma que o ponto inicial do verbo será o mesmo ponto em que foi estabelecido o sujeito *JOÃO*, e o ponto final do verbo

será o mesmo em que foi estabelecido o objeto *MARIA*. Para indicar essa trajetória do verbo, assinalaremos índices subscritos juntos ao verbo que coincidem com os índices utilizados em cada nominal que concorda com o verbo. Dessa forma, o índice utilizado à esquerda do verbo indica o ponto inicial da trajetória realizada por aquele verbo, e o índice à direita indica o ponto final dessa mesma trajetória. A transcrição da sentença discutida anteriormente é dada em (2):

(2) JOÃO<sub>a</sub>    <sub>a</sub>AJUDAR<sub>b</sub>    MARIA<sub>b</sub>

**Figura 3** – JOÃO<sub>a</sub>    <sub>a</sub>AJUDAR<sub>b</sub>    MARIA<sub>b</sub>



Fonte: Sinais realizados pelo surdo Ronerson Eduardo da Silva e fotografados pelo autor deste artigo.

Em primeiro lugar, é preciso destacar que os diferentes padrões de concordância encontrados nas línguas de sinais estão relacionados aos diferentes tipos de verbos. Assim, é possível dividir os verbos da Libras em duas grandes classes, conforme sugerem Quadros (1999) e Quadros; Quer (2008, 2010): os verbos simples e os verbos com concordância<sup>5</sup>.

Os chamados verbos simples não apresentam nenhuma marca morfológica de concordância. Alguns exemplos são dados a seguir:

(3) a. MARIA GOSTAR JOÃO.

‘A Maria gosta do João.’

b. JOÃO DORMIR C-E-D-O TODO<sup>^</sup>DIA.

‘João dorme cedo todos os dias.’

c. ONTEM EU<sub>1</sub> SENTIR BEM NÃO.

‘Ontem eu não me senti bem./Ontem eu não estava me sentindo bem.’

<sup>5</sup> Quadros (1999) e Quadros; Quer (2008, 2010) incluem na classe de verbos com concordância os verbos com concordância locativa. Porém, neste trabalho não serão contemplados os verbos com concordância locativa.



- (5) a. MARIA<sub>a</sub> AVISAR<sub>b</sub> JOÃO<sub>b</sub>  
'A Maria avisou o João.'
- b. EU<sub>1</sub> DAR<sub>2</sub> VOCÊ<sub>2</sub> LIVRO<sup>7</sup>  
'Eu dei o livro para você.'
- c. ONTEM VOCÊ<sub>2</sub> MOSTRAR<sub>1</sub> EU<sub>1</sub> LIVRO INGLÊS.  
'Ontem você me mostrou o livro de inglês.'

Finalmente, têm-se os verbos com concordância dupla reversa. Esse grupo de verbos também possui dois *slots* para a concordância, porém essa concordância é invertida. O movimento do verbo vai do *locus* do objeto para o *locus* do sujeito, emergindo o padrão <sub>OBJ</sub>VERBO<sub>SUJ</sub>. É preciso apontar que não há nenhuma mudança na ordem da frase. A sentença continua apresentando a ordem SVO, conforme se pode ver em (6).

- (6) a. MARIA<sub>a</sub> CONVIDAR<sub>a</sub> JOÃO<sub>b</sub> FESTA CASA POSS<sub>a</sub>  
'A Maria convidou o João para uma festa na casa dela.'
- b. EU<sub>1</sub> PEGAR<sub>1</sub> LIVRO<sub>b</sub>  
'Eu peguei o livro.'
- c. VOCÊ<sub>2</sub> ESCOLHER<sub>2</sub> EU<sub>1</sub>  
'Você me escolheu.'

Esse comportamento dos verbos em diversas línguas de sinais levanta uma série de questões acerca do funcionamento da concordância nessas línguas. Em especial, os verbos de concordância reversa têm ganhado destaque na discussão, uma vez que é preciso explicar o motivo desse comportamento 'invertido' do verbo. Para uma discussão mais detalhada sobre os verbos reversos na Libras e uma proposta de derivação sintática para os mesmos, ver Lourenço (2014) e Lourenço e Duarte (2014).

A distinção entre verbos de concordância e verbos simples não é, porém, apenas uma diferença em termos de morfologia de concordância. O fato de o verbo apresentar ou não concordância traz consequências para a estrutura sintática da sentença, conforme veremos na seção a seguir.

<sup>7</sup> Para uma análise de orações bitransitivas em Libras, ver Lourenço (2016).

## Concordância e a estrutura da sentença: ordem de palavras, topicalização e negação

A ordem básica da frase em Libras é SVO. Esta é a ordem de palavras não marcada na língua e é sempre gramatical. Adicionalmente, a ordem SVO não está associada a nenhum contexto pragmático específico (QUADROS, 1999; LOURENÇO; QUADROS, *no prelo*). Alguns exemplos são fornecidos a seguir:

- (7) a. JOÃO<sub>a</sub> GOSTAR FUTEBOL.  
'João gosta de futebol.'
- b. JOÃO<sub>a</sub> GOSTAR MARIA<sub>b</sub>.  
'João gosta da Maria.'  
\_\_\_\_\_do<sup>8</sup>
- c. JOÃO<sub>a</sub> <sub>a</sub>AVISAR<sub>b</sub> MARIA<sub>b</sub>.  
'João avisou a Maria.'

Além da ordem SVO, Quadros (1999) mostra que as ordens SOV e OSV também são possíveis em Libras<sup>9</sup>. Contudo, esses outros ordenamentos apresentam algumas restrições. O que chama a atenção é que essas restrições estão relacionadas ao fato de o verbo ser simples ou de concordância.

Vejamos a seguir alguns exemplos de construções com a ordem SOV:

- (8) a. JOÃO<sub>a</sub> FUTEBOL GOSTAR.  
'João gosta de futebol.'
- b. \*JOÃO<sub>a</sub> MARIA<sub>b</sub> GOSTAR.  
'João gosta de Maria.'
- c. JOÃO<sub>a</sub> \_\_\_\_\_do  
TV<sub>b</sub> <sub>a</sub>VER<sub>b</sub>.  
'João viu TV.'
- d. JOÃO<sub>a</sub> \_\_\_\_\_do  
MARIA<sub>b</sub> <sub>a</sub>AVISAR<sub>b</sub>.  
'João avisou a Maria.'

<sup>8</sup> Objetos de verbos com concordância são marcados com uma direção do olhar <do>. Essa direção do olhar é apontada por Bahan (1996) como um marcação não-manual de concordância em ASL. Quadros (1999) mostra que esse mesmo marcador é encontrado em Libras.

<sup>9</sup> Arrotéia (2003) mostra que, em contextos de foco contrastivo, a ordem VOS pode emergir. Porém, em nenhum outro contexto essa ordem foi atestada.

- QUEM COMPRAR CARRO JOÃO OU MARIA?  
- COMPRAR CARRO <JOÃO><sub>foco</sub>

Os exemplos em (8) mostram que a ordem SOV nem sempre é gramatical. Vê-se uma diferença entre sentenças com verbos simples e sentenças com verbos de concordância. Conforme pode ser visto acima, quando o verbo não apresenta concordância, a ordem SOV é possível apenas em construções que apresentam argumentos não-reversíveis (8a). Quando os argumentos são reversíveis semanticamente<sup>10</sup>, a ordem SOV é agramatical (8b). Em contrapartida, essa restrição não é encontrada quando a sentença apresenta um verbo com concordância, como pode ser visto (8c) e (8d). Adicionalmente, é preciso observar que o marcador não-manual (<do> - direção do olhar) se espalha tendo escopo sobre o objeto e sobre o verbo.

Além da ordem SOV, OSV também é possível na língua, e sua distribuição também depende da natureza do verbo:

- <sub>ls</sub>  
 (9) a'. FUTEBOL<sub>b</sub> JOÃO<sub>a</sub> GOSTAR.  
 a''). \*FUTEBOL<sub>b</sub> JOÃO<sub>a</sub> GOSTAR.  
 'De futebol, o João gosta.'

- <sub>ls</sub>  
 b'. \*MARIA<sub>b</sub> JOÃO<sub>a</sub> GOSTAR.  
 b''). \*MARIA<sub>b</sub> JOÃO<sub>a</sub> GOSTAR.  
 'Da Maria, o João gosta.'

- <sub>ls/do</sub>  
 c'. TV<sub>b</sub> JOÃO<sub>a</sub> ASSISTIR<sub>b</sub>.  
 c''). \*TV<sub>b</sub> JOÃO<sub>a</sub> ASSISTIR<sub>b</sub>.  
 'À TV, O João assistiu.'

- <sub>ls/do</sub>  
 d'. MARIA<sub>b</sub> JOÃO<sub>a</sub> AJUDAR<sub>b</sub>.  
 d''). \*MARIA<sub>b</sub> JOÃO<sub>a</sub> AJUDAR<sub>b</sub>.  
 'À Maria, o João ajudou.'

Conforme é possível observar nos exemplos acima, as construções OSV apresentam um marcador não-manual obrigatório, a saber: o

<sup>10</sup> Os nominais JOÃO e MARIA são reversíveis, pois ambos possuem os traços semânticos necessários para serem sujeitos ou objetos da sentença. Em contrapartida, no exemplo (8a), apenas JOÃO possui os traços semânticos necessários para ser o sujeito do verbo GOSTAR.

levantamento das sobranças ( $\text{---}_{\text{ls}}$ ). Este tipo de marcador indica topicalização, de modo que, nos exemplos acima, o objeto da sentença situa-se em posição de tópico sentencial.

Os exemplos em (9a) e (9b) mostram a mesma restrição observada na ordem SOV: a natureza semântica dos argumentos pode restringir a mudança da ordem em contextos com verbos simples. Em contrapartida, essa restrição não é encontrada em construções com verbos de concordância (9c e 9d).

Outro ponto importante a ser observado é o fato de que não é o levantamento de sobrança que parece licenciar o objeto em posição de tópico. O exemplo (9b) possui o levantamento da sobrança, contudo a sentença é agramatical. Assim, esse marcador não-manual apenas indica que o objeto foi movido para a posição sintática de tópico, mas não licencia esse movimento. O que torna possível a topicalização do objeto é justamente a marca não-manual da concordância (<do> – direção do olhar), observada em (9c). Isto se dá, uma vez que a <do>, por ser uma marca de concordância com o objeto, é suficiente para identificar a função sintática, de objeto, daquele constituinte topicalizado. Vale observar, ainda, que <do> não se espalha para outros domínios da sentença, diferente do que acontece com a ordem SOV. Isso é um indício de que esse objeto topicalizado se encontra em um domínio sintático distinto do domínio em que se encontram os demais elementos, ou ainda que há uma categoria interveniente entre eles. Isso se dá, uma vez que tópicos se encontram mais altos na estrutura sintática, situando-se no domínio de CP.

Contudo, é possível tornar o exemplo (9b) gramatical a partir da introdução de um pronome indexical (IX) na posição original do argumento interno da sentença, exercendo função de resumptivo. Note que há uma coindexação entre o pronome IX e o objeto topicalizado, uma vez que ambos são realizados no mesmo ponto do espaço. Veja o exemplo a seguir:

(10) a.  $\text{---}_{\text{ls}}$   
\* MARIA<sub>b</sub> JOÃO<sub>b</sub> GOSTAR.

b.  $\text{---}_{\text{ls}}$   
MARIA<sub>b</sub> JOÃO<sub>a</sub> GOSTAR IX<sub>b</sub>.  
'A Maria, o João gosta dela.'

Outra distinção observada entre verbos com concordância e verbos simples é quanto à distribuição da partícula de negação na sentença. Em Libras, a negação é realizada tanto no nível segmental, por meio do sinal NÃO, quanto no nível suprasegmental, por meio do marcador não-manual de negação (\_\_\_\_<sub>neg</sub>)<sup>11</sup>. Segundo Arrotéia (2005), o sinal NÃO pode ser omitido na sentença, enquanto a marcação não-manual é obrigatória. Aqui, interessam-nos as construções com o sinal NÃO realizado.

Em sentenças com verbos simples, o sinal NÃO pode ocorrer apenas no final da sentença, não podendo ser realizado em posição pré-verbal. Já quando o verbo apresenta concordância, o sinal NÃO pode ocorrer tanto em posição final da sentença quanto em posição pré-verbal.

(11) a) JOÃO<sub>a</sub> AMAR MARIA<sub>b</sub> NÃO. \_\_\_\_\_<sub>neg</sub>

b) \*JOÃO<sub>a</sub> NÃO AMAR MARIA<sub>b</sub>. \_\_\_\_\_<sub>neg</sub>  
'João não ama a Maria.'

(12) a) JOÃO<sub>a</sub> <sub>a</sub>ajudar<sub>b</sub> MARIA NÃO. \_\_\_\_\_<sub>neg</sub>

b) JOÃO<sub>a</sub> NÃO <sub>a</sub>AJUDAR<sub>b</sub> MARIA. \_\_\_\_\_<sub>neg</sub>  
'João não ajuda a Maria.'

Percebe-se, com os dados arrolados acima, que o fato de o verbo apresentar ou não concordância não é apenas uma questão de ter ou não morfologia de concordância. A distinção entre verbos simples e verbos com concordância traz consequências para a estrutura sintática da frase, de modo a ser possível verificar as assimetrias apresentadas anteriormente. Nesse sentido, é preciso oferecer uma análise sintática para a concordância em Libras que possa, além de derivar os diferentes padrões de concordância, explicar as assimetrias encontradas. A isso se destina a próxima seção.

<sup>11</sup> Arrotéia (2005) mostra haver duas formas de marcação não-manual da negação em Libras: o movimento de cabeça (*headshake*) e também uma expressão facial de negação em que há uma modificação do contorno da boca. Segundo a autora, apenas esta é obrigatória em Libras.

## Derivando as assimetrias

Para explicar as assimetrias discutidas na seção anterior, tomo como base a derivação sintática apresentada em Lourenço (2014). Para o autor, a concordância em Libras é derivada a partir da presença de sondas- $\phi$  na estrutura sintática, seguindo o proposto em Chomsky (2000, 2001) e Miyagawa (2010). Essas sondas- $\phi$  entram em uma relação *Agree* com os traços- $\phi$  de um nominal, engatilhando a concordância observada. Assim, nas sentenças com verbos de concordância, há duas sondas- $\phi$ , uma responsável por cada *slot* de concordância. A primeira sonda- $\phi$  é gerada no núcleo da projeção vP e é responsável pela concordância com o objeto. Já a outra sonda- $\phi$  é gerada no núcleo de CP, mas é herdada por T<sup>0</sup>, engatilhando a concordância com o objeto.

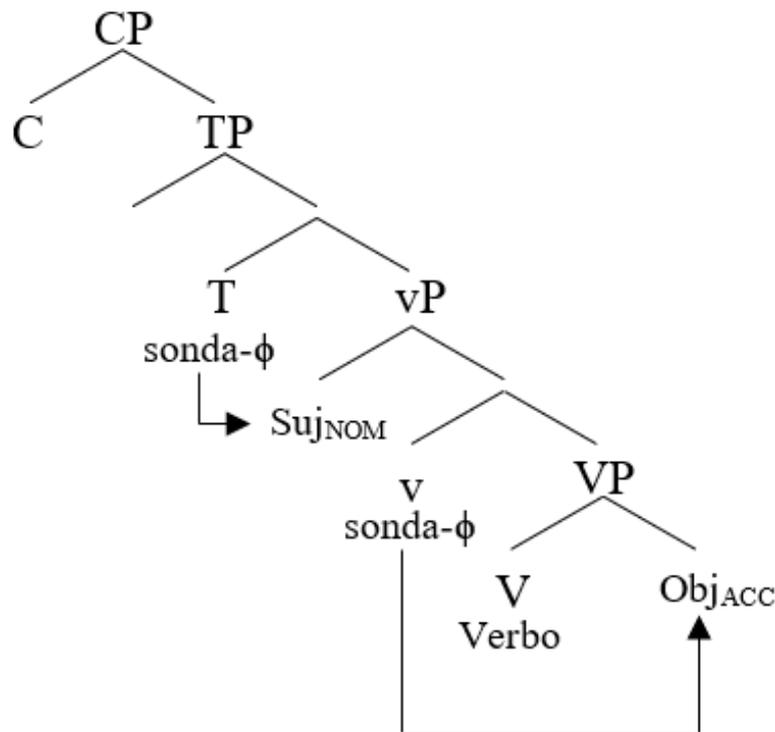
Vale ressaltar que a proposta de Lourenço (2014) é a de que, na Libras, o Parâmetro da Concordância dependente de Caso (BAKER, 2008) é ativado:

- (13) *Parâmetro da Concordância dependente de Caso*: F concorda com um DP/NP apenas se F valora o traço de Caso desse DP/NP ou vice-versa.

De acordo com esse parâmetro, a sonda- $\phi$  presente em T<sup>0</sup> somente irá concordar com um DP cujo Caso tenha sido valorado por T<sup>0</sup>. Em outras palavras, a sonda- $\phi$  de T somente irá concordar com um DP nominativo. Em contrapartida, a sonda- $\phi$  de vP somente irá concordar com um DP que receba Caso acusativo de v<sup>12</sup>. A derivação é apresentada a seguir:

<sup>12</sup> Além dos verbos de concordância discutidos aqui, a Libras possui um grupo de verbos conhecido como verbos de concordância reversa, cujo padrão de concordância não é <sub>sujeito</sub> VERBO <sub>objeto</sub>, mas sim <sub>objeto</sub> VERBO <sub>sujeito</sub>. Para uma derivação do padrão reverso da concordância nesses verbos, ver Lourenço (2014) e Lourenço; Duarte (2014).

(14)



A partir da proposta de Lourenço (2014), é possível explicar as três assimetrias discutidas anteriormente: a ordem SOV, a topicalização do objeto (OSV) e a posição da partícula de negação.

Quanto à ordem SOV, Quadros (1999) afirma que essa ordem de frase pode ser obtida na língua a partir de duas operações sintáticas distintas: (i) a focalização do verbo e (ii) alçamento de objeto (*object shift*). A autora afirma ainda que a primeira operação acontece nas sentenças com verbos simples, enquanto a segunda é restrita aos contextos em que o verbo apresenta concordância.

A focalização do verbo em contextos de verbos simples é facilmente explicada se compararmos com as construções canônicas de foco na língua, em que ocorre a duplicação do verbo para uma posição mais alta na estrutura; cópia esta que é pronunciada em posição final de sentença. Assim, uma sentença SOV com um verbo simples é, na verdade, uma sentença S(V)OV, em que a cópia mais baixa do verbo é apagada (QUADROS, 1999; LOURENÇO; QUADROS, *no prelo*). No exemplo fornecido abaixo, note que há a possibilidade de serem realizadas as duas cópias do verbo, assim como de apenas a cópia mais alta, que ocupa a posição de foco sentencial. Adicionalmente, vale apontar a presença de um marcador não-manual de foco na língua, um aceno de cabeça (\_\_\_\_<sub>ac</sub>) que incide sobre esse verbo.

(15) JOÃO<sub>a</sub> (GOSTAR) FUTEBOL <sup>ac</sup> GOSTAR.

Já a impossibilidade de se ter esse tipo de construção com argumentos reversíveis pode ser explicada como uma restrição semântica. Uma vez que ambos os argumentos possuem os mesmos traços semânticos e ambos ocupam a posição pré-verbal, não seria possível identificar as funções sintáticas de cada argumento, já que, na língua, ambas as ordens SOV e OSV são permitidas.

A outra operação postulada por Quadros (1999) é o alçamento de objeto, que ocorre apenas em sentenças com verbos de concordância. Aqui, concordo com a autora no que diz respeito à operação sintática, mas seguindo a proposta desenvolvida em Lourenço (2014), proponho uma implementação diferente.

Miyagawa (2010) propõe um tipo de movimento que faz com que o alvo de uma sonda se mova para junto dessa sonda, de modo a tornar a relação *Agree* uma relação local. A esse tipo de movimento, Miyagawa chama de união sonda-alvo (PGU, do inglês *probe-goal union*). Assim, há duas maneiras de se satisfazer a PGU, movendo-se o alvo para a posição de Spec do núcleo onde se situa a sonda (criando uma relação Spec-núcleo) ou ainda movendo o alvo para a mesma posição da sonda (movimento de núcleo).

Uma forma de se derivar a ordem SOV em construções com concordância em Libras é justamente afirmar que o alçamento do objeto ocorre para satisfazer a PGU. Considerando que o núcleo de vP possui uma sonda- $\phi$  que entra em uma relação *Agree* com o argumento interno, esse argumento deve se mover para a posição de Spec, vP para que haja a união sonda-alvo. Isto resulta na ordem SOV<sup>13</sup>.

O fato de não haver alçamento de objeto em sentenças com verbos simples pode ser explicado se assumirmos que nessas construções não há sondas- $\phi$  responsáveis por engatilhar a concordância. Nesse sentido, uma vez que não há uma sonda- $\phi$  em vP, não há PGU e, conseqüentemente, a ordem SOV não pode ser derivada (vale lembrar

<sup>13</sup> Em sua monografia, Miyagawa (2010) afirma que a PGU seria uma operação obrigatória em todos os contextos em que há *Agree*. Contudo, em produções posteriores e também em comunicação pessoal, o autor tem assumido uma versão menos dura dessa operação. Assim, caso adotemos uma versão rígida da PGU, é possível postularmos que o movimento do objeto para a posição de Spec, vP sempre ocorre em Libras. Quando o alçamento do objeto se dá antes de *spell-out*, tem-se a ordem SOV, enquanto que, quando esse movimento acontece apenas em forma lógica, a ordem resultante é SVO. Isso pode explicar a livre distribuição desses ordenamentos em sentenças com verbos de concordância.

que, conforme exposto anteriormente, a ordem SOV em sentenças com verbos simples é, na verdade, S(V)OV). Adicionalmente, tem-se que, conforme já atestado, sentenças com verbos simples apresentam uma rigidez muito maior na ordem dos sinais (QUADROS, 1999; LOURENÇO, 2014; LOURENÇO; QUADROS, *no prelo*). Isto pode se dar devido ao fato de não haver nenhum movimento dos argumentos e nem do verbo para posições mais altas na sentença, permanecendo todos os elementos *in situ* à projeção vP.

Essa rigidez da ordem nos ajuda a explicar também a assimetria encontrada na ordem OSV. Essa ordem é obtida por meio da topicalização do objeto, o que é marcado pela marca não manual de tópico (levantamento de sobranças), conforme visto no exemplo (9). É sabido que, tradicional e tipologicamente, a concordância está associada a diferentes ordens de palavras. Assim, em Libras, uma vez que o verbo apresenta concordância, é possível mover livremente o objeto para a posição de tópico da sentença. Isso é possível, já que a concordância presente no verbo é capaz de identificar os argumentos da sentença. Por outro lado, quando o verbo é simples, há mais restrições que impedem a topicalização do objeto, já que a ordem se torna a principal forma de se identificar a função sintática de cada constituinte. Assim, o objeto somente poderá ser topicalizado caso os argumentos da sentença não sejam reversíveis, assim como acontece com a ordem SOV, uma vez que as propriedades semânticas de cada argumento, assim como os princípios de seleção semântica do verbo, são suficientes para identificar o sujeito e o objeto da oração.

Contudo, a língua possui ainda uma forma de topicalizar o objeto de um verbo simples: a inserção de um pronome resumptivo na posição de complemento interno, havendo assim o preenchimento da posição de objeto, sendo o nominal *MARIA* um tópico gerado na base. Vale lembrar, conforme dito na seção anterior, que há uma coindexação entre o pronome *IX* e o objeto topicalizado, uma vez que ambos são realizados no mesmo ponto do espaço. O exemplo em (10) é repetido a seguir como (16):

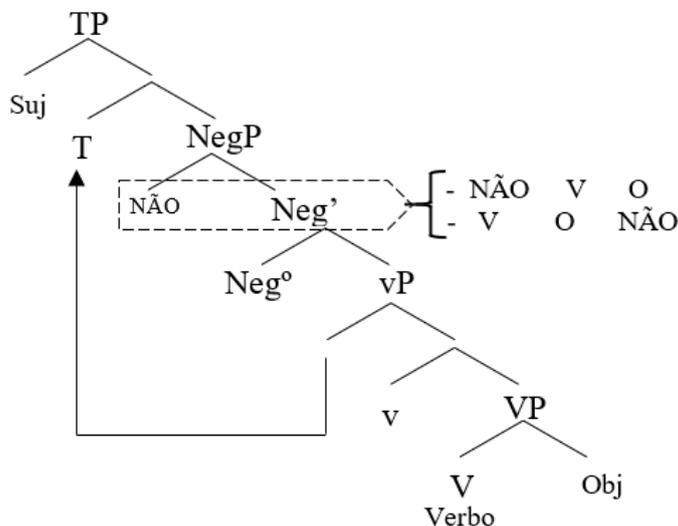
- (16) a.  $\text{—————}_{\text{ls}}$   
\*  $\text{MARIA}_{\text{b}}$   $\text{JOÃO}_{\text{b}}$  GOSTAR.
- b.  $\text{—————}_{\text{ls}}$   
 $\text{MARIA}_{\text{b}}$   $\text{JOÃO}_{\text{a}}$  GOSTAR  $\text{IX}_{\text{b}}$ .  
'A Maria, o João gosta dela.'

Por fim, passemos para a análise do sinal de negação e a posição ocupada por ele em Libras. Conforme mostrado na seção anterior, em sentenças com verbos de concordância, o sinal NÃO pode ocorrer em posição pré-verbal ou em posição final da sentença. Já em construções com verbos simples, NÃO pode ocorrer apenas em posição final.

Lourenço (2015), adotando a proposta de Pfau (2015) para a NGT (Língua de Sinais Holandesa), assume que o sinal não ocupa a posição de Spec, NegP, enquanto o marcador não-manual (\_\_\_\_neg) ocupa a posição de núcleo dessa projeção. É proposto ainda que, em *Spell-out*, há duas possibilidades de linearização da projeção NegP em Libras, a saber: [Spec + Neg'] ou [Neg' + Spec].

Em sentenças com verbos de concordância, o sujeito move-se para Spec,TP para checar o traço de margem dessa projeção (EPP). Ao mover-se para essa posição, o sujeito passa a estar mais alto na estrutura sintática do que o sinal NÃO. Quando a estrutura sintática é pronunciada, as duas possibilidades de externalização de NegP resultam em [NÃO V O] ou em [V O NÃO], conforme mostra a derivação a seguir:

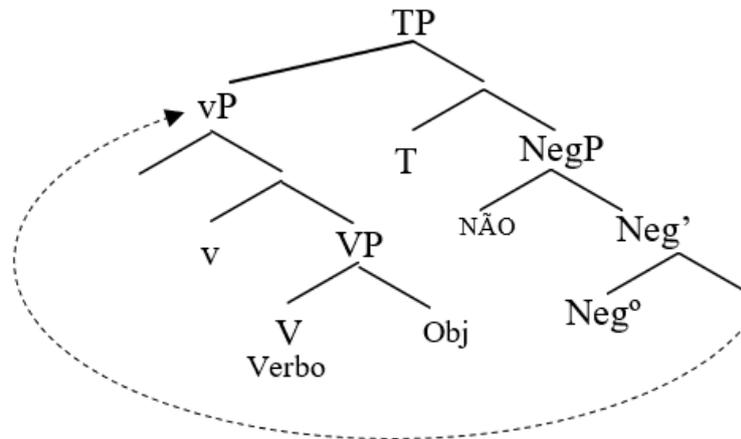
(17)



Já nas sentenças com verbos simples, Lourenço (2015) avança a hipótese de que o traço de margem nessas construções não é satisfeito por meio do movimento do sujeito para Spec,TP, uma vez que não há concordância por meio de sondas- $\phi$ . Assim, uma hipótese ainda a ser mais bem investigada é a de que o traço de margem de TP seja satisfeito por meio do movimento de toda a projeção vP, similar ao que é proposto

por Richards; Biberauer (2005)<sup>14</sup>. Nesse caso, com o movimento de toda a projeção e não apenas de um constituinte, todos os argumentos passam a ocupar uma posição mais alta que NegP, de modo que o sinal de não sempre ocupará a posição final da sentença. A estrutura sintática é fornecida a seguir:

(18)



Uma evidência que aponta para o movimento de vP para a posição de Spec, TP pode ser observada nos exemplos a seguir:

32

- (19) a. ONTEM IX<sub>1</sub> VONTADE PIZZA NÃO.  
 b. IX<sub>1</sub> VONTADE PIZZA ONTEM NÃO.  
 ‘Ontem eu não tive vontade [de comer] pizza.’

- (20) a. ONTEM IX<sub>1</sub> AJUDAR<sub>a</sub> MARIA<sub>a</sub> NÃO  
 b. \*IX<sub>1</sub> AJUDAR<sub>a</sub> MARIA<sub>a</sub> ONTEM NÃO.  
 ‘Ontem eu não ajudei a Maria.’

Em (19b), o advérbio de tempo ontem ocorre entre o verbo e o sinal NÃO. Considerando que ontem é um advérbio de TP e que é possível termos o advérbio tanto em posição inicial da sentença (19a) ou entre o predicado e a partícula de negação (19b), é possível postularmos que ambos ocupam a posição de Spec,TP. O que diferencia essas duas possibilidades de realização é o fato de advérbios poderem ser inseridos mais tardiamente na derivação. Assim, quando o advérbio é inserido antes do movimento de vP para Spec, TP, tem-se a ordem SVOAdvNÃO, enquanto que, quando o advérbio é inserido tardiamente, a ordem resultante é AdvSVONÃO.

<sup>14</sup> Uma língua em que também há movimento de XP e cujos dados se assemelham bastante aos dados da Libras é o Tenetehára. Para uma análise dessa língua, ver Duarte (2015).

Por outro lado, como demonstra o par de exemplos em (20), a ordem SVOAdv não está disponível para sentenças com verbo de concordância. Isso se dá, uma vez que, nessas construções, não há fronteamto de vP para a posição de Spec,TP. O traço de margem de TP é checado apenas pelo movimento do objeto sintático, já que há uma relação de concordância entre a sonda- $\phi$  de T e os traços- $\phi$  do sujeito, engatilhando o EPP em sua forma clássica.

### Considerações Finais

O presente artigo investigou o comportamento dos verbos de concordância e dos verbos simples em Libras. Mais especificamente, foram discutidas as assimetrias apontadas por Quadros (1999) entre esses dois grupos de verbos. Para isto, assumiu-se a proposta de Lourenço (2014) para o tratamento da concordância em Libras, em que a concordância nessa língua é o resultado de relações *Agree* entre sondas- $\phi$  e os traços- $\phi$  dos nominais presentes na derivação sintática. Assim, as ordens SOV e OSV foram discutidas como sendo derivadas da ordem SVO, mas que apresentam restrições se a construção apresentar um verbo simples. Foi abordado também o fato de o sinal de negação não apresentar distribuição distinta em sentenças cujo verbo apresenta concordância e em sentenças com verbos simples.

Este trabalho reforça, assim, as discussões sobre a concordância nas línguas de sinais e sua relação com a estrutura sintática da sentença, contribuindo para um maior entendimento da Libras e da sintaxe das línguas de sinais em geral.

### Referências

ARROTÉIA, J. Papel do marcador ‘aceno de cabeça’ em sentenças não-canônicas. Apresentação realizada em **III Seminário Internacional Abralin**, UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Rio de Janeiro. 2003.

\_\_\_\_\_. **O Papel da Marcação Não-manual nas Sentenças Negativas em Língua de Sinais Brasileira**. MA thesis, Universidade Estadual de Campinas. 2005.

BAHAN, B. **Non-manual realization of agreement in American Sign Language**. Ph.D. Dissertation, Boston University, Boston, MA. 1996.

BAKER, M. **The syntax of agreement and concord**. Cambridge: Cambridge University Press. 2008.

BERENZ, N. Insights into Person Deixis. In: **Sign Language & Linguistics** **5(2)**, p. 203-227. 2002.

CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: The framework. In: **Step by step**: Essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik, ed. by Roger Martin, David Michaels, and Juan Uriagereka. Cambridge, MA: MIT Press, p. 89–155. 2000.

\_\_\_\_\_. Derivation by Phase. In: M. Kenstowicz (ed.). **Ken Hale: a Life in Language** (MIT). 2001.

DUARTE, F. **Clausal recursion, predicate raising and head-finality in Tenetehára**. In Amaral et al. 2015.

FELIPE, T. A estrutura frasal na LSCB. In: **Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL**. Recife. 1989.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro. 1995.

LILLO-MARTIN, D.; Meier, R. On the Linguistic Status of 'Agreement' in Sign Languages. In: **Theoretical Linguistics** 37, p. 95–141. 2011.

LOURENÇO, G. **Concordância, Caso e ergatividade em Língua de Sinais Brasileira**: uma proposta minimalista. 2014. 161 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2014.

\_\_\_\_\_. Sentential negation in Brazilian Sign Language. Trabalho apresentado no **III Congresso Internacional de Estudos Linguísticos**, Universidade de Brasília, Brasília. 2015.

\_\_\_\_\_; DUARTE, F. B. Caso e concordância em Língua de Sinais Brasileira: Investigando verbos de concordância regular e verbos de concordância reversa. **Veredas**: Revista de Estudos Linguísticos. Vol. 18 (1), Juiz de Fora.

\_\_\_\_\_; QUADROS, R. M. **The syntactic structure of the clause in Brazilian Sign Language**. *no prelo*.

MEIR, I. A cross-modality perspective on verb agreement. **Natural Language & Linguistic Theory** 20, p. 413–450. 2002.

MIYAGAWA, S. **Why Agree? Why Move? Unifying Agreement-based and Discourse Configurational Languages**. MIT Press, Linguistic Inquiry Monograph 54. 2010.

NEIDLE, C.; KEGL, J.; MACLAUGHLIN, D.; BAHAN, B.; LEE, R. G. **The Syntax of American Sign Language**: Functional Categories and Hierarchical Structure. Cambridge, MA: MIT Press. 2000.

QUADROS, R. M. **Phrase structure of Brazilian sign language**. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre. 1999.

\_\_\_\_\_; QUER, J. Back to back(wards) and moving on: On agreement, auxiliaries and verb classes in sign languages. In: \_\_\_\_\_ (ed.), **Sign languages: spinning and unraveling the past, present, and future**. Fortyfive papers and three posters from TISLR 9, Florianópolis, Brazil, December 2006. Petrópolis: Editora Arara Azul. 2008.

\_\_\_\_\_; QUER, J. A caracterização da concordância nas línguas de sinais. In: Salles, H.; Naves, R. (orgs.) **Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de Português (L2) por surdos**. Goiânia: Cãnone Editorial. 2010.

RICHARDS, M.; BIBERAUER, T. Explaining Expl. In: den Dikken, M. and Tortora, C. (eds), **The function of function words and functional categories**, 115- 154. Amsterdam: John Benjamins. 2005.

ZESHAN, U. Towards a notion of 'word' in sign languages. In: Dixon, R.M.W.; Aikhenvald, A. Y. (eds): **Word: a cross-linguistic typology**. Cambridge University Press, p. 153-179. 2002.

Recebido em: 19 de jan. de 2017.

Aceito em: 9 de jul. de 2017.